



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**(RE)CONSTRUINDO UMA CIDADE: EXPERIÊNCIAS URBANAS EM
FEIRA DE SANTANA/BA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XX**

Magno de Oliveira Cruz*

Os anos primeiros da República no Brasil foram assinalados como um momento de redefinição dos espaços e das relações de poder que, devido a promessa de igualdade, com a abolição da escravidão e a legalização das eleições em todos os níveis, ameaçavam a ordem e a repartição hierárquica vigentes até então, e divulgavam um novo ordenamento político e social para a sociedade brasileira no início do século XX, promovendo o ambiente ideal para o surgimento de novas vivências entre os indivíduos nas cidades.

Sendo assim, a cidade foi desde muito cedo, o reduto de uma nova sensibilidade. Ser cidadão era portar um conjunto de hábitos ou crenças que definem um povo; são os costumes e traços comportamentais que os distinguem (características morais, sociais e afetivas que definem o comportamento de uma pessoa ou cultura.¹ A importância de suas histórias nos confere ao fato destas nos oferecer uma gama de “informações” como “origens”, um acontecimento fundador, a evolução cronológica dos governos municipais, mesmo ressaltando que tais histórias urbanas foram escritas a partir de uma perspectiva quantitativa e evolutiva sem qualquer outro compromisso teórico maior. Segundo

* Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Campina Grande.

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: Revista Brasileira de História, (53) jan.-jun., 2007.

Pesavento, essas histórias de cidades não estabelecem reflexões maiores sobre o fenômeno da urbanização em si.

Mas então, porque estudar o processo de urbanização aliado aos ideais modernizantes e progressistas? Para Pesavento, tais estudos são extremamente relevantes pois através destes perceberemos as mudanças sofridas pelas urbes; transformações políticas, econômicas e sociais, dinâmicas de grupos sociais; um processo de urbanização ligado às cidades como problema e objeto de reflexão. Ratificando a importância dos estudos sobre as cidades Maria Stella Brescianni aponta que as cidades são antes de tudo uma experiência visual; um traçado de ruas, vias de circulação ladeadas de construções, os vazios das praças cercadas por igrejas e edifícios públicos, o movimento de pessoas e a agitação das atividades concentradas num mesmo espaço e mais, um lugar saturado de significações acumuladas através do tempo, uma produção social sempre referida a alguma de suas formas de inserção topográfica ou particularidades arquitetônicas.²

Nesse contexto, esse artigo pretende analisar as experiências de urbanização aliadas a ideia de modernidade e progresso da cidade de Feira de Santana/BA, tendo como fonte o jornal folha do norte³, nas três primeiras décadas do século XX. Feira de Santana experimentou um processo de urbanização que paulatinamente foi modificando sua paisagem física e sócio-cultural, esgarçando percepções e práticas sociais tradicionalmente arraigadas às suas relações cotidianas e instituindo novas semânticas de reconhecimento do lugar. A abertura de estradas para diversas regiões do Estado motivou o aumento do fluxo de pessoas ao centro urbano, provocando um aumento na demanda de prestação de serviço e de comercialização de produtos, propiciando assim a emergência social de grupos ligados aos setores do comércio formal. Ansiosos por incluírem-se nos ditames do capitalismo mundial, estes indivíduos procuraram especificar os rumos a serem tomados pela sociedade, a fim de concretizar sua ascensão econômica, na tentativa de viabilizar a sua escalada ao poder público.

² BRESCIANNI, Maria Stella M. **História e historiografia das cidades, um percurso**. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

³ O Jornal Folha do Norte é o mais antigo jornal em circulação na cidade de Feira de Santana. O primeiro número surgiu em 17 de setembro de 1909, fundado por Tito Ruy Bacelar³, Arnold Ferreira da Silva³, como redator, até 1910, João Carneiro Vital e, passou a contar com diversos colaboradores, começando a circular semanalmente. Nessa época era Intendente da Comercial Cidade de Feira de Santana, o Coronel Abdon Alves de Abreu, adversário político dos fundadores da Folha do Norte.

Com a subjugação do comércio formal à dinâmica estabelecida pelo comércio informal, assim como pela composição do quadro de seus proprietários, verificamos através do jornal Folha do Norte, a insistente preocupação dos órgãos públicos e por autoridades locais em executar o deslocamento da representação da Feira de Santana enquanto uma cidade de bases rurais, para defini-la como uma urbe dotada de um poderoso comércio e de uma estrutura cidadina. De acordo com Rinaldo Leite, desde a passagem do século XIX para o século XX, em Salvador e em outras cidades baianas (Feira de Santana, por exemplo), o ordenamento da cidade se impôs como fruto da exigência pelo suprimento das necessidades básicas aos cidadãos, tais como segurança, higiene, locomoção, iluminação, demandando a criação de elementos vigilantes para estes serviços devido à concentração populacional que criava problemas aos administradores. No Brasil republicano, ainda que tais discussões não se constituíssem debate original, visto que desde o século XIX os ideais modernizantes já povoavam as mentes de nossa intelectualidade e de nossos administradores, somente quando a cidade assumiu a posição de campo privilegiado das operações políticas e econômicas é que verificamos o aparecimento da “questão urbana”, que se caracterizou pela proliferação de discursos que apontavam para um conjunto de problemas relacionados ao espaço urbano e sua população, tendo como solução àquilo que se convencionou chamar de modernização, acompanhado dos ideais de progresso.⁴

O conceito de modernidade se efetuava pela estigmatização dos valores e das estruturas tradicionais, nos quais os elementos do novo emergem potencialmente da crise das antigas instituições, tendo como elemento distintivo o conflito que se instaura entre a realidade cotidiana de nossa sociedade e os sonhos de futuro elaborados. Sob esse olhar avaliativo é que a intervenção dos administradores de Feira de Santana nas primeiras décadas do século XX, sugeriu e programou modificações aos elementos tradicionais apontados como degradantes. A modernidade local se constituiu num processo caracterizado pela busca por reprodução dos ideais e modelos externos, que se compuseram no confronto da nossa realidade com os padrões sociais, políticos e culturais europeus, visto que, na Europa houve um fortalecimento do urbanismo, entendido como a possibilidade do estabelecimento do fator urbano enquanto fruto do planejamento da

⁴ LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia civiliza-se: ideais de civilidade e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana – Salvador, 1912-1916.** Dissertação de mestrado. Salvador: Mestrado em História/UFBA, 1996, p.8-9.

cidade pela escolha de valores que visam o progresso e a produtividade, modificavam o ideário e a vivência do espaço citadino.⁵ Seria necessário então adequar este discurso às reais necessidades do país que desejava construir um espaço urbano que apresentasse toda polidez e fineza do mundo moderno.

O urbanismo se restringiu na tentativa de reprodução dos avanços técnicos observados nas cidades ditas modernas e desenvolvidas, a partir do estabelecimento de modelos bastante estreitos de estruturação do espaço urbano e da composição de regras de conduta social, desprezando, a discussão sobre os direitos sociais que a vida urbana suscitava, instituindo o surgimento das nossas cidades a uma nova forma de composição do tecido urbano, bem como de um novo formato de convivialidade que tinha como principal parâmetro a imagem de Paris haussmanniana que figurou no ideário moderno como um modelo autêntico de cidade.⁶

A transformação da visão da cidade e do ambiente urbano durante o período republicano encontra-se também, ainda, vinculado aos processos históricos que culminaram na ressignificação da rua que deveria preparar-se em termos estéticos e higiênicos para receber o cidadão brasileiro que nascera com o novo regime, como diz Fonseca:

A cidade deveria tornar-se um lugar prazeroso para o gozo dos cidadãos e, portanto, aparentar uma extensão da casa, ou seja, um lugar limpo, higiênico, agradável e moralmente saudável. No projeto de reforma urbana, as ruas, até então um espaço preferencialmente destinados aos negros, mulatos, vadios, mendigos, prostitutas e boêmios, precisavam ser ocupadas pelas famílias, pelos senhores de cartola, pelas senhoras e moças vestidas de acordo com a “última moda de Paris”.⁷

A rua deveria estar então asseada, bem calçada e bonita para dar passagem à emergente elite urbana republicana que buscava se impor a partir do estabelecimento de uma nova ordem social, cultural, econômica e política. Nesta conjuntura, é adotado um projeto de urbanização da cidade do Rio de Janeiro⁸, que muito em breve, disseminou

⁵ **Revista Projeto História**, (18); maio, 1999.

⁶ RIBEIRO, Luiz Cesar e PECHMAN, Robert (Org.). **Cidade, povo e nação** – gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

⁷ FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **“Fazendo Fita”**: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA: Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, 2002. p.30.

⁸ Sobre o processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro, ver: CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

para as demais cidades brasileiras. Conseqüentemente, se a modernização já era uma realidade para as capitais brasileiras ao longo da década de 20, não demorou muito para atingir as cidades do interior com certo desenvolvimento econômico e grande prestígio político, como era o caso da cidade de Feira de Santana que nesse período figurava no cenário baiano como a cidade mais importante do interior da Bahia.⁹ Assim, a euforia urbanística também compôs parte significativa dos sonhos das lideranças feirenses durante a primeira metade do século XX, onde o olhar avaliativo estabeleceu a valorização dos ideais modernos através de uma análise comparativa entre as imagens da capital federal e estadual e a realidade local, no qual os elementos exteriores eram valorizados ao ganharem status de símbolos representativos da modernidade.

O Jornal Folha do Norte, liderado pelos seus fundadores e redatores, crias de famílias abastadas feirenses, foi protagonista em elaborar um olhar e um discurso diferenciado sobre a cidade de Santana. Por meio do jornal, esses indivíduos traduziram suas “inquietações em reorganizar” a sociedade feirense, vivenciando um sentimento conflituoso caracterizado pela tentativa de comparar os elementos do passado e os ideais de futuros pretendidos - que assinalava disputa em pares antagônicos urbano/rural, cidade/campo, atrasado/moderno, civilizado/bárbaro -, no qual figurava a tentativa de tornar “Feira” uma cidade moderna, colocando o futuro da sociedade feirense em concordância com o projeto geral do país em se tornar uma nação civilizada e símbolo de progresso.

A noção de modernidade e progresso, desde suas origens, denota a crença num desenvolvimento evolutivo contínuo rumo a uma realidade futura que figura no imaginário social como um espaço para o cumprimento do sonho da realização plena dos seres vivos, culminando numa atmosfera atemporal da vivência da felicidade.¹⁰ Segundo Carvalho, tal mentalidade serviu de instrumento de legitimação do regime republicano que daria ênfase aos ingredientes utópicos trazidos pelo positivismo através dos quais “a República era percebida em sua perspectiva ainda maior de uma procura de idade de ouro

⁹ OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **De empório a princesa do sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000. Dissertação de Mestrado. p 17.

¹⁰ Sobre o desenvolvimento da idéia de progresso nas sociedades ocidentais ver: NISBET, Robert A. **A história da idéia de progresso**. Brasília, DF: UNB, 1985.

futura”¹¹, uma vez que esse novo regime adotou como seus, assim como tantos outros, os elementos componentes da noção de progresso – a crença no poder do saber científico e a disciplinarização do comportamento como único caminho na construção de uma sociedade próspera e feliz.¹²

Ao condicionar a construção do futuro enquanto campo de realização da libertação do homem com a expansão e proliferação do conhecimento especializado voltado para o domínio da natureza, a ideologia do progresso adquiriu valores próprios no Brasil e um papel político central que engendraria o mito da modernidade sustentado por uma idéia de desenvolvimento econômico que seria alcançado pelo domínio da natureza pelo saber humano incrementado pela industrialização. Deste modo, o ideário progressista aliado aos ideais de modernidade incentivou a reprodução de modelos sociais inspirados nos padrões das sociedades européias, uma vez que estas eram as portadoras das imagens que traduziam e atestavam os resultados benéficos do processo de apropriação da natureza pelo homem.¹³

A euforia urbanística que arrebatava os líderes políticos durante a primeira metade do século XX determinou um olhar avaliativo sobre o espaço urbano feirense que valorizava os elementos simbólicos exteriores à sua cultura, procurando degradar os símbolos do passado e promover a construção de uma nova realidade na qual pudesse ser concretizado o sentimento de plenitude que as imagens das cidades européias traziam aos olhos de quem às contemplavam. Segundo Oliveira:

A crítica ao mundo rural representava a tentativa de adequar o país a um ritmo histórico novo, mais afinado com as transformações ocorridas na Europa e parelho com os ideais de progresso. A partir dos anos finais do século XIX, o tempo histórico sofreu uma aceleração brutal com o encurtamento de distâncias e a possibilidade de comunicações mais rápidas, fazendo com que as novidades chegassem com maior rapidez.¹⁴

Assim, a noção de progresso se efetuava pela negação dos valores e das estruturas tradicionais nas quais repousava durante anos a sociedade feirense, mas que a

¹¹ CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹² DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**: uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 270.

¹³ Id. Ibid. p. 272.

¹⁴ Cf. OLIVEIRA. Op. Cit. p. 25.

condenavam a ser símbolo máximo do “atraso brasileiro” e que mereceriam, por isso, serem trocados por outros modelos, novas formas.

Tendo como principais veículos de divulgação os jornais locais, no Folha do Norte, que comportava-se como os grandes jornais diários, que difundiam posições políticas e são vinculados a interesses econômicos específicos e, portanto, são condicionados pelos grupos econômicos que lhes dão sustentação financeira e submetidos às conveniências ideológicas às quais seus proprietários se identificam, analisaremos como esses grupos políticos feirenses utilizando-se da imprensa não pouparam esforços em ignorar símbolos do passado agrário da cidade e de sua condição de “sertão-pastoril” para ressaltar o papel da cidade como importante centro comercial dotada de uma estrutura física moderna, no qual sua população desenvolvia um estilo de vida cidadão. Deste modo, observamos algumas das notícias do Jornal Folha do Norte entre 1909 e 1930, que se preocupava em construir um novo tipo de urbe (limpa, bonita e civilizada).

Os animais que andavam soltos pelo centro da cidade foi noticiado pelo jornal como preocupação de alguns urbanistas:

ANIMAES SOLTOS

Continúa a vagar pelas ruas da cidade, contra expressa determinação do Código de Posturas, uma porção considerável de animaes de toda espécie, cuja acção damnnhia e maléfica ainda em local de numero passado especificamos. Contra esse grande abuso, clamamos e clamaremos com todas as nossas forças e esperamos que, quando a administração municipal que se finda já não corrija o mal, a administração futura, em que recaem as esperanças de todos, sane por completo essa falta de comprimento a lei fazendo desaparecer uma macula que emerge o alabastro do nosso crédito de povo civilizado.¹⁵

A presença de animais soltos na rua, a vagar livremente pela cidade, inquietava àqueles que estavam preocupados com a imagem de incivilidade que esta paisagem poderia proporcionar e contrastava com o ideal de cidade que se pretendia construir. Apesar do código municipal desde o ano de 1886¹⁶ apresentar sanções e multa de “dois mil réis” aos proprietários dos animais que fossem encontrados soltos, podemos perceber a inoperância da lei pela frequência com que tal assunto é retomado pelo jornal, podendo

¹⁵ **Folha do Norte**, 17/12/1912. Museu Casa do Sertão/CENEF.

¹⁶ **Código de Posturas da Cidade Commercial de Feira de Sant’Ana1886.**

ser constatado por meio de outro texto do referido periódico intitulado “Os logradouros públicos não são pastos”.

(...) Na madrugada de quinta-feira última foram vistos pastando na mencionada praça [Praça da Matriz] nada menos de 18 animaes! Conforme o testemunho de moradores dali que nos enviaram carta, conjuntamente com os da Praça João Pedreira, onde também perambulam animaes, damnificando o jardim iniciado na avenida Maria Quitéria, solicitando providências efficazes, por nosso intermédio. Sob as vistas de quem competir deixamos essas justas queixas que patenteãm pelo bem público.¹⁷

Além desse “problema”, o (JFN) de maio de 1914 apresentou a seguinte portaria:

O Intendente Municipal recomenda ao sr. Fiscal, a fiel observância do art. 20 do Código de Posturas que veda terminantemente a criação de porcos em quintaes, dentro da cidade ou te-los soltos pelas ruas, sob pena de 6\$000 de multa ou 2 dias de prisão. (...) ¹⁸

A preocupação com a permanência de criatórios de porcos dentro do perímetro urbano é recorrente no JFN, quando em maio de 1926 foi noticiado na primeira página do jornal:

VÃO SE DESFAZENDO DOS PORCOS E BACORINHOS – as fiscalizações sanitaria e municipal não tardarão em agir(...) convem ao interesse dos que os cevam ou criam em quintaes, mesmo enchiqueirados, que se vão desfazendo delles, pois não tardarão inspecções rigorosas por parte do Saneamento Rural (...) ¹⁹

Notícia também de destaque, na primeira página do JFN foi apresentada em janeiro de 1914:

Consoante noticiaramos, teve lugar ante-hontem, 1º de Janeiro, a inauguração da secção de açougue do Mercado Municipal [...]. Realisou-se o benzimento cuja cerimônia foi celebrada pelo revmo. padre Gomes Loureiro, digno capellão do Azylo que produziu bella allocução salientando os esforços patrióticos do Sr. Cel. Intendente em bem do progresso do município.²⁰

¹⁷ **Folha do Norte**, 03/1927. MCS/CENEF.

¹⁸ **Folha do Norte**, 31/5/1914. MCS/CENEF.

¹⁹ **Folha do Norte**, 29 /5/1926. MCS/CENEF.

²⁰ **Folha do Norte**, 3/01/1914. MCS/CENEF.

As construções e, posteriormente, a inauguração da Ponte Rio Branco também ganharam destaque no periódico:

Inaugura-se amanhã solenemente, com aprezença do exmo Sr. Dr. Secretario da Agricultura Viação e obras públicas do Estado, a ponte Rio Branco, sobre o Jacuhype, a duas léguas desta cidade. [...] A verdade e que, pela construcção dessa grande obra, vinham trabalhando, de longos annos, quantos estimam o nosso progredir.²¹

A construção da ponte do Rio Branco foi uma prestigiosa representatividade do progresso para Feira de Santana, visto que foi um “melhoramento de real importância para uma rica e vasta zona sertaneja, pois favoreceu particularmente este município nas suas relações comerciais com o centro do Estado, facilitando e garantindo também a passagem do gado que, procedente das passagens de Monte Alegre, Mundo Novo, Baixa Grande e terras circunvizinhas, abastece a capital bahiana”.²²

Duas grandes inovações vieram ainda na década de 1920. O progresso da sociedade feirense era saudado pelos jornais quando anunciavam a instalação do sistema de eletrificação da cidade e implantação da Escola Normal. Estes dois elementos figuraram como sinais da inserção de Feira de Santana no rol das cidades progressistas e modernas da Bahia. Isso pode ser verificado na reportagem “A Feira na Imprensa Carioca” posta em circulação pelo (JFN) em 12 de fevereiro de 1927, que transcreve a edição do dia 23 de janeiro do periódico “Gazetas de Notícias”, da Capital Federal e que exalta os símbolos da modernidade apresentados pela municipalidade baiana. O texto a apresenta como uma grande cidade do interior da Bahia:

No grupo escolar Dr. Seabra, edifício admirável, e em várias escolas espalhadas pelo importante município, cuja população atinge a trinta mil habitantes, recebem algumas centenas de crianças de um profesorado notável pela capacidade e pela dedicação com que se consagra ao sagrado magistério da instrução as luzes do ensino [...]. É Feira de Santana cabeça de comarca, seu comércio é bastante desenvolvido; sua indústria incipiente floresce [...] é illuminada a luz electrica.

A constatação do jornal carioca evidencia que a eletricidade e o progresso andavam de mãos dadas na República baiana. O espanto delata sua perplexidade diante dos inequívocos elementos que compõem o cenário de progresso para uma cidade

²¹ **Folha do Norte** 17/03/1917. MCS/CENEF.

²² **Folha do Norte** 17/03/1917. MCS/CENEF.

republicana numa localidade do interior baiano. Tal atitude reforçou a imagem de que a aquisição da luz elétrica constitui uma etapa significativa no processo de melhoramento social que culminaria numa sociedade idealizada. Portanto, não é de se estranhar que a sociedade comemore o aumento crescente dos pedidos de instalação de pontos de energia em residências e casas de comércio.

Além disso, o artigo em questão também oferece destaque ao esforço de um professorado notável pela capacidade e pela dedicação com que se consagra ao magistério da transmissão das luzes do ensino, tarefa indispensável para realizar o desenvolvimento da humanidade na direção da concretização do sonho de progresso pela sociedade feirense. Como vimos anteriormente, o avançar da humanidade depende da proliferação do saber e do domínio da natureza pelo homem, por este motivo, a comprovação de tão honrosa tarefa deve ser saudada com grande prestígio. Por esse motivo, a instalação da Escola Normal se constituiu como uma etapa importante da aquisição dos foros de cidade civilizada que Feira tanto almejava.

Nesta perspectiva, a Escola Normal assumiu um novo papel, como preparatória dos (as) agentes de progresso da nação.²³ O jornal Folha do Norte apresenta em uma de suas reportagens intitulada “Uma conquista desvanecedora” a solene sessão inaugural:

O 1º de Junho de 1927 deve se constituir dor’a avante uma data memorável nos annaes da vida político-social da Feira de Sant’Anna, visto assignalar uma de suas mais dignificadoras conquistas.²⁴

Qualquer postura que apresentasse uma posição contrária ao ensino deveria ser abolida. O (JFN) apresenta uma matéria intitulada “Mandai-vos vossos filhos à escola”, onde adverte que “o não cumprimento desta prerrogativa, ou tentar fugir, pois, a esse dever, evitando o aparelhamento mental da prole para vencer na luta pela vida [...] é renunciar ao pátrio poder e commeter verdadeiro crime de lesopatriotismo”.²⁵

Outro importante marco do remodelamento urbano de Feira de Santana foi a construção do Paço Municipal, obra inaugurada em 1928, na gestão do Intendente Arnold Silva, e havia consumido divisas das duas gestões anteriores para sua conclusão. O prédio

²³ SOUSA, Ione Celeste de. **Garotas tricolores, deusas fardadas: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945.** São Paulo: EDUC, 2001.

²⁴ **Folha do Norte** 4/6/1927 MCS/CENEF.

²⁵ **Folha do Norte** 20/2/1926 MCS/CENEF

inaugurado atendia a padrões arquitetônicos arrojados para o período e serviu às autoridades e à sociedade feirense como símbolo da modernidade para a cidade. Tamanha é a força simbólica deste prédio para a construção de uma representação da Feira progressista, que virou referência para aferir o grau de urbanidade que a cidade atingiu. As correspondências editadas no (JFN) emitindo congratulações recebidas pelo Intendente Municipal pelos melhoramentos que este realizou em Feira de Santana ilustram este fato.

Fazendo votos pela continuação da prosperidade e progresso crescente dessa bela cidade, que honra o nosso Estado. Saudações cordiais – Dep. Braz de Almeida. Congratulo-me com a população feirense na pessoa do seu honrado e laborioso intendente, pelo passo dado no caminho do progresso, conforme patriótica inauguração. Afectuosa saudação – Eudoro Tude.²⁶

Estas operações marcam o início da intervenção progressista na cidade de Feira de Santana, não somente por representarem o ponto inicial para a reestruturação espacial da cidade, mas porque figuram como marcos fundamentais para a construção de uma nova imagem da urbe. Desse modo, tal imagem de cidade é tecida por elementos da modernidade, em detrimento da imagem associada ao mundo rural, ao campo, lugar do incivilizado e do atraso.

Assim, a partir das transformações urbanísticas compreendidas entre as décadas de 1910 a 1930, a “Princesa do Sertão” reconstruiu seu espaço urbano de modo que os novos símbolos do progresso conformassem a imagem de uma cidade moderna aos olhos de qualquer visitante, rompendo com seu passado ruralista e pastoril. Vale salientar que tais modificações espaciais se constituíram apenas a primeira etapa rumo à obtenção de cidade civilizada, moderna e progressista, o segundo passo obviamente seria a intervenção nos hábitos, costumes e modos de comportamento da população, no qual este processo civilizador/ “coercitivo” procurava combater as condutas e hábitos tidos como arcaicos e, portanto, não legítimos.

História Cultural

²⁶ Folha do Norte 9/4/1927. MCS/CENEF.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). Historiografia brasileira em perspectiva. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DELUMEAU, Jean. Mil anos de felicidade: uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. “Fazendo Fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA: Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, 2002.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. E a Bahia civiliza-se: ideais de civilidade e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana – Salvador, 1912-1916. Dissertação de mestrado. Salvador: Mestrado em História/UFBA, 1996.

NISBET, Robert A. A história da idéia de progresso. Brasília, DF: UNB, 1985.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. De empório a princesa do sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000. Dissertação de Mestrado.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: Revista Brasileira de História, (53) jan.-jun., 2007.

Revista Projeto História, (18); maio, 1999.

RIBEIRO, Luiz Cesar e PECHMAN, Robert (Org.). Cidade, povo e nação – gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SOUSA, Ione Celeste de. Garotas tricolores, deusas fardadas: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945. São Paulo: EDUC, 2001.